



Prefeitura Municipal de Grão-Pará

ESTADO DE SANTA CATARINA

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA

COMPONENTE CURRICULAR: Língua Portuguesa

CARGA HORÁRIA SEMANAL DA ATIVIDADE: 4 aulas

TURMA: bloco d – Ensino Fundamental

PLANEJAMENTO SEMANAL: 25 A 29 DE MAIO 2020

ATIVIDADES DE APRENDIZAGEM

Estudando o gênero textual Crônica: a poesia nos fatos do dia a dia

“Para início de conversa...”

Você sabe o que é uma crônica?

Esse gênero textual nasceu entre os séculos XIV e XV, em Portugal, e tinha o papel de narrar a história dos reinados portugueses de forma objetiva, portanto, afastada de qualquer emoção. A partir do século XIX, as crônicas passaram a ser divulgadas nos jornais e se transformaram em comentários que os autores redigem com base em algum fato cotidiano que, muitas vezes, foi notícia no próprio jornal. No Brasil, as crônicas fazem muito sucesso. Há pessoas que compram jornais apenas com o objetivo de lê-las.

Clique aqui e assista: <https://www.youtube.com/watch?v=2XcMASxk4oM>

Saiba mais

As histórias são contadas, lidas ou escritas, quase sempre, por um narrador. Há, de modo geral, três tipos de narrador, isto é, três tipos de foco narrativo:

Narrador-personagem: participa da história – 1ª pessoa.

Narrador-observador: narra a história em 3ª pessoa, sem participar das ações.

Narrador-onisciente: narra a história em 3ª pessoa, mas mergulha no íntimo das personagens, revelando suas emoções e pensamentos.

Pois é!, vamos analisar o gênero crônica a partir de um texto belíssimo, produzido por Fernando Sabino, um dos maiores cronistas da literatura brasileira.

A última crônica

Fernando Sabino

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: “assim eu queria o meu último poema”. Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho – um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: “Parabéns pra você, parabéns pra você...”. Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura – ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido – vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu queria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.



01.mp3

Clique aqui para ouvir a narração da crônica: (Clique 2x para abrir o áudio)

Atividades:

- 1- Releia o trecho retirado do 1º parágrafo: “Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um.” Procure, no dicionário, o significado das palavras “irrisório” e “pitoresco”. Neste trecho, é possível depreender que o autor:
 - a) gostaria de escrever um texto emocionante para publicar em virtude do seu aniversário.
 - b) gostaria de encontrar inspiração em algo interessante e que pudesse ser assunto de uma crônica surpreendente antes de encerrar o ano.
 - c) buscava o sucesso da carreira de escritor que dependia de sua capacidade de escrever com muita inspiração.

- 2- Ainda no 1º parágrafo, o autor diz que, na sua busca por um assunto específico para escrever, “visava ao circunstancial, ao episódico”. Isso quer dizer que:
 - a) ele estava sem ideia sobre o que escreveria na sua última crônica.
 - b) ele queria que acontecesse algo complexo para poder ter um assunto muito diferente sobre o qual escrever.
 - c) ele buscava inspiração para escrever em um acontecimento simples que fizesse parte do dia a dia das pessoas comuns.

- 3- O cronista busca inspiração em fatos do dia a dia ou veiculados em jornal. Qual foi o fato que deu origem ao texto de Fernando Sabino?

- 4- Em que lugar acontece toda a ação da narrativa?

- 5- O narrador da crônica participa da história? Que tipo de narrador ele é? Copie um trecho que comprove a sua resposta.

- 6- Quais são as personagens envolvidas na narrativa?

- 7- Com relação à linguagem empregada na crônica, marque com um x a(s) proposição(ões) correta(s):
 - Os fatos são narrados de forma objetiva, impessoal, com linguagem jornalística.
 - Os fatos são narrados de forma pessoal e subjetiva, com base em suposições que o cronista faz a partir daquilo que observa.
 - A linguagem está mais próxima de uma notícia de jornal.
 - A linguagem está mais próxima de um texto literário, como uma fábula, um conto, um poema.
 - A linguagem empregada é carregada de formalidade, promovendo um distanciamento entre o texto e o leitor.
 - A linguagem empregada está de acordo com a norma-padrão. No entanto, apresenta certa informalidade

